

ENTRE CÉU E TERRA: A MEDIANIDADE DO LAR NO HÁBITO HUMANO

Between heaven and earth: the home averageness in the human habit

Vitor Sartori Cordova¹

Jane Victal²

RESUMO

Perguntar-se pelo universo da casa não é uma tarefa simples, visto que todo homem poderia meramente ocupar uma residência. Convém lembrar de antemão que não é desconsiderado os problemas dos déficits habitacionais brasileiros neste quesito. O objetivo deste trabalho é como o ato do habitar, por parte do ser humano, intensifica algumas questões do domínio do domicílio como primordial não só para o reconhecimento do eu, mas para o acato do nós. Assim, percorre-se um caminho reflexivo que intui saber como podem ser construídas as ações utilizadas pelo homem no abrigar seu mundo e dos outros nos domínios da medianidade do lar. O intuito é atentar como o albergar da casa é um trazer próximo a paisagem cotidiana (e suas regiões que se abrem a partir dela) pela força do hábito.

Palavras-chave: Identidade. Habitat. Ser-arquitetura-da-arquitetura.

ABSTRACT

Asking about the universe of the house is not a simple task, since every man could merely occupy a residence. It should be remembered, beforehand, that the problems of brazilian housing deficits in this area are not overlooked. The the main task of this work is how the act of dwelling, by human being, intensifies some questions of the domicile domain as primordial not only for the recognition of the I, but for the act of we. Thus, a reflective path is traversed that intuitively know how the actions used by man can be constructed in sheltering his world and the others in the domains of the home. The intention is to consider how the sheltering by the home is a bringing close act of the landscape (and its regions that open from it) by the force of habit.

Keywords: Identity. Habitat. Being-architecture-of-architecture.

¹ Sociólogo e urbanista, pós-doutorando pela Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp (FCA/Unicamp). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) Processo nº2019/15057-4. vitorcordova@yahoo.com.br.

✉ Rua Pedro Zaccaria, 1300, Limeira, SP. 13484-350.

² Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Pontifícia Universidade Católica de Campinas (POSURB-ARQ, PUC-Campinas). janevictal@puc-campinas.edu.br.

✉ Rua Professor Dr. Euryclides de Jesus Zerbin, 1.516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, Campinas, SP. CEP 13087-571.

INTRODUÇÃO

Crê-se que a medianidade do lar surge quando ao homem é permitido vincular a sua morada com o ânimo da vida, onde os sentidos do cotidiano tomam forma e não se sobrepõem no intuito de reforçar as metáforas dos ensinamentos passados para obter correspondências no presente e no futuro. Esta permissão que institui **o diálogo entre o lar e o mundo** conecta-se substancialmente ao fenômeno da paisagem. Sendo a paisagem a compreensão total – mas não totalizante do lugar –, nada mais faz do que convidar, como em um quadro, a adentrar e deixar acolher mais propriamente os acontecimentos de uma vida que concederam vazão a um prático inerte que se movimenta constantemente, pois é imprescindível o em-si corresponder-se com o para-si (SARTRE, 1997).

Entretanto, é no ato de **albergar** que esta paisagem faz todo sentido, pois a força do **habitat** humano, esta *arché* que faz potencializar uma vez mais a significância humana no mundo (pois, atesta as várias gêneses que uma vida pode conter ao longo da existência), busca recolher outros mundos a fim de tentar transformá-los em um **lugar** ao homem (HEIDEGGER, 1954). É somente com a casa (este mundo existencial) que o homem pode aprender, com os próprios ensinamentos de sua vida, a esquadrihar novas motivações para si e tentar ali, em seus cômodos e em seu momento de solidão, ou seja, no devaneio deste mundo suspenso da cotidianidade - quando disposto aos **alvéolos da morada** – a forçar o partejamento de uma reelaboração dos sentidos, com o objetivo de que suas ações ainda possam guardar alguma capacidade de descobrir e entender o que lhe é diferente (HEIDEGGER, 1977).

Assim, pensar a medianidade da casa é encará-la como a digna inserção do homem no mundo, uma relação em que é ela a primeira

manifestação da espacialidade deste homem, onde a paisagem desta casa é construída não para reter simplesmente alguma coisa, mas para deixar-ver como esta constrói-se pelas ações da vida, pois **revelada na compreensão do encontro dos lugares** traduzidos por ela (BACHELARD, 1978). Esta paisagem cognoscível transforma-se numa *imago mundi*, revelando como a multiplicidade e o movimento da sensibilidade humana se conecta primeiramente à existência concreta, ao seu apelo, **trazendo o mundo da experiência a ser o único ser unívoco**, onde **o que se é só é sendo**, pois constantemente edificado (*aedificare*) e cultivado (*collere*) (HEIDEGGER, 1954).

Desta maneira, ganha-se força o âmbito do cotidiano como uma intuição profunda da realidade concreta do ser-aí, onde o poder da existência interpela-se sempre por inúmeras situações abertas pela ação humana, qualificando o homem em um constante pastoreio de seu ser na relação que guarda entre *Kosmos* e *Chaos* (BARBUY, 1984). O embate travado entre estas duas instâncias, que transparece a potencialidade da gênese existencial humana através do embate entre céu, terra, deuses e mortais por suas manifestações distintas (que explicavam a multiplicidade de ser do homem, seus vários comportamentos³ e cuidados com aquele pastoreio⁴ do ser a partir dos próprios modos de saber e fazer acatados por sua presença no mundo), é onde alberga-se todas as regiões abertas pela presença, instaurando ao homem um constante **habitar entre**, isto é, uma relação **entre a luz do dia e a escuridão da noite**.

Mais precisamente, guarda-se esta relação no ato do encobrimento, isto é, em uma entrega do homem que se retrai perante algo que ilumina (*physis*), que convida à experimentação de um instante que assim o constitui revelando não só uma descrição do objeto, mas o sentido da

³ *Tekhne*.

⁴ *Poiesis*.

Entre céu e terra: a medianidade do lar no hábito humano
Vitor Sartori Cordova e Jane Victal

ação. Desta forma, tem-se aqui uma relação simbólica que demanda, em primeiro lugar, o ser revelado à sua compreensão com o ato do descobrir, um falar sobre a experiência que vem à tona inaugurada na nomeação da coisa que está associada. Isso remete à revelação poética daquilo que está permanecido de pé (em seu estado vigente) e cultivado através da palavra, sendo possível contar os muitos níveis que guarda a compreensão humana sobre o seu lugar (HEIDEGGER, 1977).

Tal compreensão estaria na **terra**, entre o homem e a *physis*: matéria da qual são feitas as coisas que concede a potencialidade do abrigar o mundo, pois guardando uma profunda afinidade com o poder criador do homem enquanto lançado à sua cotidianidade e remetendo-se na paisagem cognoscível; e no **céu**, esta compreensão e proximidade dada a partir da *physis*, em que o homem institui um comportamento de cultivo daquela espacialidade aberta por esta materialidade, na iluminação que resguarda a linguagem poética que consegue contemplar a multiplicidade dos atos humanos na praticidade (e na temporalidade) e que reúne tudo ao seu redor cabendo, a cada coisa, ser um si-mesmo em um lugar (BARBUY, 1984). Porém, cada uma, por trazer esta contemplação, abre aquelas regiões referidas, que são **os saberes do lugar** (HEIDEGGER, 1984).

Saberes estes que se embrenham no conflito que é o absurdo das frases balbuciadas pela existência, onde o sagrado e o profano lançam um misterioso joguete, pois ao homem só resta ser o ponto de intersecção do embate entre este céu e esta terra. Desta maneira, sobra-lhe como única alternativa a tentativa de iluminação (presença) da obscuridade da matéria sem forma pela sua ação, descobrindo a natureza somente pela força de sua corporeidade, onde aquela vai se tornando (aliás, os materiais dali retirados e trabalhados) uma extensão do seu corpo e fazendo surgir simultaneamente ele e seu mundo em

uma vizinhança conhecida – ou não, se for considerada a morada da angústia, do nada e da morte como insistentes propínquas.

É desta forma que a casa é um receptáculo entre o céu e a terra, pois é uma aproximação desta luta do homem no momento da compreensão que existe na relação entre o cognoscível e o incognoscível, sendo ela a efetivação simbólica e concreta da presença própria de cada homem no mundo, ofertando à intimidade humana uma progressiva efetivação da presença ou, se preferível, concede-lhe um espaço arrumado (HEIDEGGER, 1954). É ela quem descreve o diferente a ele a partir de uma possibilidade que se instaura em uma reunião do mundo na intimidade do lar, tornando-se este o espaço vital do homem, o seu primeiro universo acolhedor, a única medida relevante entre o tangível e o intangível. Aqui, passado, presente e futuro são incorporados em sua fundação e cumeeira no intuito de não se elevarem da terra (BACHELARD, 1978).

É assim que ela (casa) transforma-se em **ponta-de-lança** aos pensamentos, aos sonhos e às lembranças do homem, pois encurta a distância da ação na proximidade do paraíso da matéria, reunindo nela as escolhas feitas pelas várias possibilidades de ser apresentadas ao homem, onde a morada o lembra, por estas escolhas, como ela é um mundo entre vários outros (SARAMAGO, 2012). Isto, pois ela própria não está fora do mundo comum. É ela quem constrói a linguagem, o enredo da vida, quem vivifica a memória sem a transformar em um objeto museológico (HEIDEGGER, 2003). Isto porquê contém a força da compreensão de outras possibilidades de existência (vivas ou mortas) em seu porão (passado), em seu térreo (presente) e em sua cumeeira (futuro) (BACHELARD, 1978). Aqui, o ato de habitar o mundo transcende-se além do espaço geométrico do lote, encarnando-se no intuito de possibilitar ao homem uma maneira de conseguir traduzir estas constantes mudanças (dele e dos demais) para ponderar o

valor de suas ações, as responsabilidades de suas consequências, a impessoalidade do *Chaos* e o possível extermínio do diferente (ARENDR, 2001).

Nele (no ato de habitar) evita-se também o **nada científico** que é sempre uma vitória do **já conhecido**, pois simplesmente acata as coisas do mundo pela relação objetal sendo o responsável por dissociar o homem do mundo (HEIDEGGER, 2007). É aqui que há a importância da linguagem poética, devido esta permitir um desfrutar da intimidade de outros mundos (não raro em um mesmo mundo) sem rechaçá-los em partículas, bem ali, pelo que eles simplesmente são. Melhor dizendo, a linguagem (no ato de habitar) deixa ver e vir cada mundo em sua singularidade enquanto apelo da exterioridade, isto é, nos entes perceptíveis no cotidiano do ser-aí. Estes, ao se abrirem no ato desta relação com o mundo por intermédio da linguagem, fazem viger os vários acontecimentos que levam o lugar a ser este que se faz (hábito), mas isso agora em uma nova relação, na qual é prescindida certa suspensão da instrumentalidade do mundo quando contemplados em sua singularidade (em sua contenção, apreensão ou simbolização).

Assim, nesta **singularidade paisagística**, convidam estes entes os demais a adentrar e experimentar, neles mesmos, a extensa gama de alteridades antes não percebida. Demonstram que há várias **camadas** a se conhecer além do permanente, **onde a duração é relativizada pelo mesmo instante que deste jeito os conformou** – aqui, sendo possível constatar a condição humana que rompe com a descontinuidade do tempo massificador e do espaço amorfo, pois este ato de adentrar revela o vigor das referencialidades, os saberes que instituem espaços arrumados, as regiões abertas pela ação e pela oralidade agora conformada em materialidade que trazem estes entes **para mais perto** do mundo humano (HEIDEGGER, 1977).

É neste âmago que a casa (que também é um ente) se torna uma topologia simbólica, pois se transforma na interlocutora dos significados advindos da percepção da espacialidade da vida humana proporcional ao tempo de vida humano, em um durar de uma finitude – sendo este o ato do devanear sobre a casa. Ato este que reflete sobre o que a casa acolhe, que nada mais é que estes instantes que renovam o ser a se conquistar constantemente. Para isto, o seu ato de abrigar alia-se à intimidade destes acontecimentos de forma a demarcá-los, mas não em uma duração contínua frente à desmedida, mas pela força do hábito (naqueles meros entes), responsável por renovar a presença da temporalidade humana semelhante a um ritual.

Todavia, convém lembrar que a duração referida não é a normativa, mas sim a instituição de um compromisso constante de vigília de uma vida em que o mundo humano se-dá a entender (e não entendido antes deste **dá-se**). Este **dá-se**, aliás, é onde alberga-se, por exemplo, o ser-arquitetura-da-arquitetura, que seria o justo desfrutar da tentativa de fazer durar a intimidade de um instante. Tal intimidade só é possível pelas circunstancialidades da espacialidade humana, isto é, nas formas regidas e traçadas dos caminhos de um acontecimento acolhido. Este, conduz à fala ao que se-dá no contato com o mundo naquilo que se apropria destes acontecimentos ao ponto de, no vigor desta duração, o homem conseguir evocar, pelo caminho da morada do ser, a experiência da saga de um dizer: **esta é uma catedral, esta é uma ponte e esta é uma casa**.

Desta maneira, sendo cada construção humana uma dimensão topológica, é também uma dimensão topofílica, um elo afetivo entre o homem e o lugar, pois é ela a tradutora daquelas circunstancialidades da experiência vivida e da memória (a imaterialidade) que potencializam a materialidade, colocando ser e tempo nos crivos dos lugares da ação humana e corporificando (situando), de fato, o homem em algum

Entre céu e terra: a medianidade do lar no hábito humano
Vitor Sartori Cordova e Jane Victal

lugar (TUAN, 2012). Quando a abertura ao novo a partir da própria experiência humana não se configura como possibilidade, o homem se torna o exótico, o sem existência própria ou um tanto de qualquer coisa em qualquer lugar.

LINGUAGEM POÉTICA

Para uma revelação do dizer, a poesia deve ser o caminho mais apropriado. Apropriar-se aqui, longe de se adequar nas categorias modernas de obtenção e de propriedade é, antes de tudo, corresponder-se no íntimo, naquilo que em sua própria grandeza e beleza se apresenta. É deixar algo vigorando em sua existência, torná-lo livre (HEIDEGGER, 1984). Acredita-se que não só a linguagem, mas suas diversas moradas devam ser o modo mais legítimo para compreender uma relação assaz humana: o modo de dizer e sua revelação poética de ser. Entretanto, como é possível compreender tal relação? Na própria linguagem poética. Isto, pois tudo indica que este modo convida aquele que pergunta a ater-se ao que se mostra naquilo que se apresenta, tendo como referência não uma visão já prévia da coisa mas o próprio mundo apresentado por ela, numa forma de ir ao encontro do mundo exibido (DICHTCHEKENIAN, 2015).

Assim, o modo poético do dizer e sua revelação de ser é seguir estritamente os indícios do que se mostra. Não é um ato de transformação. Os indícios são propícios, visto que a própria imagem poética revela a origem do ser falante. O que seria isso? Seria que, na própria coisa, é possível encontrar as referências de seu sentido. Este sentido do que se mostra e se aprofunda no homem é o modo deste acolher o que vem ao seu encontro. É, por assim dizer, revelar a sua condição de ser e estar presente no mundo. Disto, as ressonâncias desta relação vão atingindo o homem nos diferentes planos de sua vida e

sua repercussão, uma vez que o toca e o transforma, repercute em um aprofundamento de sua própria existência (HEIDEGGER, 2003). Se, na ressonância, o homem percebe o mundo, é na repercussão que ele o apropria. Esta múltipla relação das ressonâncias sai da unidade do ser da repercussão. De forma mais simples, ouvir o ser em suas diversas ressonâncias e, a partir disso, repercuti-los no modo de vida é: deixar-se apreender por completo a partir de seu apelo (HEIDEGGER, 1977).

Bachelard (1978) diz que este tipo de revelação se dá a partir do ato de devanear em presença do mundo, na prática do dizer poético, o qual seria o de viver uma relação com o mundo (que é uma relação de devaneio) de modo que seja possível dizer o que o mundo é sinteticamente. Esta relação devaneadora provém na intimidade, na pluralidade de sentidos que se encontram na intimidade. E esta intimidade, como é acolhida? É acolhida no mundo? Mas que mundo?

O homem não está simplesmente em qualquer mundo, e sim está no seu próprio. Este mundo próprio do homem, de tantas ressonâncias que lhe podem alcançar, repercute em um lugar específico: a casa. A casa, por assim dizer, é a efetivação simbólica e concreta da presença própria de cada homem no mundo. É onde o devaneio consegue fluir pelas sombras e pelas imagens claras. Melhor dizendo, a intimidade humana nasce progressiva e simultaneamente da presença efetiva no mundo através da casa. É desta forma que o acolhimento humano na intimidade da morada (e na sua própria maneira de descrever seu mundo a partir dela) pode abrigar alguma coisa, pois é a partir de uma autorização implícita no próprio ser do homem que esta possibilidade constrói a si próprio e a seu mundo.

É este modo próprio de ser que traduz ao homem aquilo que ele é. Melhor dizendo, seu princípio identitário lhe é ofertado pelo lugar, onde seu modo de ser encontra-se receptível e acolhedor. Ser receptível e acolhedor é a possibilidade da construção do eu-mesmo

Entre céu e terra: a medianidade do lar no hábito humano
Vitor Sartori Cordova e Jane Victal

como uma presença particular e única no mundo elaborado a partir do que Bachelard (1978) denomina de **solidão** (introspecção), pois só aqui pode o homem contemplar o si-mesmo. Desta forma, na solidão é perceptível não só a ausência, mas também a presença dos outros. É na solidão que se-dá o nascimento do **eu-mesmo** e de um mundo.

A CASA DA INFÂNCIA

Para Bachelard (1978) os valores da intimidade da casa são evidentemente um ser privilegiado onde é reunido, ao mesmo tempo, a complexidade na unidade ou a integração dos valores particulares em um valor fundamental e transcendental. A casa, nesta relação, não é influenciada apenas por uma relação objetual, pois não se trata de descrevê-la em sua aparência, mas de tentar dizer como este espaço vital humano é relacionado com todos os aspectos da vida deste homem, isto é, como este enraíza-se em um **canto do mundo** e consegue dizer o que uma coisa é o que é para ele.

Cada casa é um canto do mundo, é o primeiro universo humano (BACHELARD, 1978). É a casa que fornece as primeiras imagens ao homem no sentido de espaço protegido e habitado. Ela passa a sensação de proteção ao homem, de algo que não é o **eu**, mas que protege este **eu**. É a partir desta relação que o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo e consegue viver em sua realidade e imaginação, melhor dizendo, através do pensamento e dos sonhos.

Desta forma aparece, pouco a pouco, a imagem da solidão, mas não em uma correspondência de angústia ou tristeza, mas na relação de esquecimento do mundo. Todos estes adjetivos não devem ser levados para o lado negativo. Ser esquecido pelo mundo aqui é: deixar ser encoberto por ele e tentar, a partir deste ponto, decifrar o que ele é (DICHTCHEKENIAN, 2015). Assim, os abrigos, refúgios e aposentos de

uma casa guardam valores oníricos. Neste âmbito, não é só na realidade presente que a casa é vivificada. Ela também é o fio condutor de uma narrativa onde são guardados os tesouros mais preciosos da memória como a deidade do hábito de habitar e a morada dos antepassados (COULANGES, 1981). O seu benefício mais belo é deixar o ser íntimo do homem explicitar seu verdadeiro modo de ser. Entretanto, o que isso quer dizer?

Nessas condições, se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz. Somente os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos. Ao devaneio pertencem os valores que marcam o homem em sua profundidade. O devaneio tem mesmo um privilégio de autovalorização. Ele desfruta diretamente de seu ser. Então, os lugares onde se viveu o devaneio se reconstituem por si mesmos num novo devaneio. É justamente porque as lembranças das antigas moradas são revividas como devaneios que as moradas do passado são em nós imperecíveis. Nosso objetivo está claro agora: é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que frequentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade [tradição]. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser "atirado ao mundo", como professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado este fato, esse simples fato, na medida em que este fato é um valor, um grande valor ao qual voltamos em nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa (BACHELARD, 1978, p. 23).

Assim, o conceito metafísico de existência humana, de considerar o homem lançado ao mundo, é uma concepção secundária. Este tipo de análise passa acima da noção de bem-estar do ser humano associado ao seu ser (HEIDEGGER, 1967). Este calor afetivo do bem-estar é acolhido bem antes em uma espécie de paraíso terrestre da matéria, fundido num tipo de **doçura de uma matéria adequada** (BACHELARD, 1978). É neste paraíso material que o ser do homem mergulha, acumulando para si tudo que lhe é essencial para ser. Quando a casa é pensada ou sonhada em um profundo devaneio, participa-se mais uma vez desse calor afetivo que o paraíso material do habitat fornece ao homem.

Todavia, para analisar o ser íntimo do homem em uma casa é preciso que o próprio **dessocialize**⁵ as suas lembranças e atinja o plano do devaneio que trazia nos espaços dessa solidão. Mesmo que questione sobre aquilo que relembra, o mais importante para ele é que esta relação se dê hermeneuticamente, isto é, não necessariamente careça determinar seu arco temporal, mas sim que localize os lugares de sua intimidade e de seu destino (BACHELARD, 2007).

Melhor dizendo, mesmo quando estes lugares lembrados sejam **para sempre riscados do presente**, o importante é que permaneça o fato de tê-los vivido de tal forma que o tempo e o mesmo se condensem ternamente (DICHTCHEKENIAN, 2015). Assim sendo, o que permanece realmente para o homem como algo importante é o quanto pensar em um canto da casa possa ser reconfortante quando acatado pela memória.

O SABER DO HABITAR

A reconfortante sensação gerada no devaneio que lança o homem ao espaço protetor da casa, sendo esta também a do próprio devaneio,

⁵ Traduzindo: as acate naquela solidão ou introspecção.

é a de um lugar em que se habita, que se pertence e que acolhe o homem em sua centralidade quando necessário. Este conforto, ainda que concentrado no regaço da tranquilidade, faz o homem se mover. Neste **mover-se**, a casa (do devaneio) já indica uma estrutura de caminho e até um esforço físico para chegar até lá. Os declives e aclives constatados pelos músculos são acionados em uma dinâmica que revela não só a quantidade despendida de esforço, mas a relação de verticalidade e de horizontalidade. Isso, logicamente, também acatada na solidão humana, em sua intimidade, ou seja, o homem, ao pensar o caminho não só o faz na quantidade de metros percorridos, mas, quando pensa nele, pensa o seu penoso (ou não) transitar. Desta maneira, **pensar** significa que, mesmo não saindo do lugar, estando imóvel, pode o homem estar em outro lugar em que o corpo, por se encontrar em repouso, impossibilita⁶.

Sendo a casa uma concentração do próprio homem e algo em que ele chega ao mundo em um certo lugar constituído que o acolhe em seu modo de ser, este homem não pode deixar de ser o que é pela força acolhedora do lugar. A casa reúne na sua imagem um sentido de ser no mundo para ele. Para viver neste mundo, o ser humano precisa de algo que reúna a escolha feita entre as tantas possibilidades de viver (DICHTCHEKENIAN, 2015). É esta a importância do devaneio como caminho, sendo este uma possibilidade em que o homem tem de enriquecer o sentido de sua vida sem necessariamente sair do lugar. Este devanear tira o homem daquilo que aparece imediatamente, mas não desintegra aquilo que vigora para ele. O devanear realiza uma

⁶ Isto também é válido quando a ação não é propriamente realizada, mas que a mesma já tenha sido requisitada na construção do devir. Como, por exemplo, as grandes catedrais medievais que, pela sua grandiosa estrutura, já anteviam uma construção secular que envolveria muito antes do próprio ato uma reflexão em que a sua finalização ultrapassaria o tempo de alguns construtores. Elas, agora, tornar-se-iam não só uma construção de pedra, mas uma inevitável herança que seria passada para as gerações futuras as quais teriam a incumbência de as finalizarem.

tarefa mais rica quando multiplica os sentidos daquilo que aparece, ampliando e diversificando o desencobrir do encoberto.

Se o espaço chama para a ação, subitamente a imaginação trabalha. E trabalha no sentido da amplitude, do esforço físico. Mas, ao mesmo tempo, procura esperançosamente no espaço constituidor da intimidade a atração, a reunião da aventura do espaço. Pode-se dizer que a imensidão é uma categoria filosófica do devaneio humano, que consegue sair de algo fechado e ampliar as possibilidades desse fechado para onde não haja limites. Aliás, este limite só inaugura uma imensidão, e não um fim (TORRANO, 2003).

Desta forma, a casa é o mundo humano que faz parte de tantos outros, tornando a particularidade uma valoração onírica que não é apartada do mundo. Logicamente que ela guarda os segredos de uma vida e necessita da penumbra. Todavia, mesmo na penumbra, orienta as noções de centralidade, verticalidade e horizontalidade do homem em construção. A casa concede linguagem à fala. Os valores da intimidade humana neste ponto fazem com que, ao lembrar dos cômodos da casa, se recorde também das situações vividas nestes, onde a associação de quarto, sala, indique as dinâmicas da vida humana (até do exterior) que ocorreram ali.

Porém, só o fato de lembrar-se deles faz isso acontecer? Lembrar ou pensar autenticamente neles faz o homem direcionar o sentido evocado do que se recorda mais profundamente, sem que com isso seja alterado o seu sentido original (HEIDEGGER, 1977). Saber fazer isso é o ato de escutar mais atentamente o sentido daquilo que se mostra. Porém, surge uma pergunta: como, por intermédio desta situação, é iniciado o devaneio? Este surge na medida em que faz com que o objeto próximo fuja imediatamente para a lonjura, para o além **mundo à mão**. Não que este mundo não seja importante para o devaneio. Entretanto, quando ele é natural para o homem, não encontra outra saída a não ser se tornar, também, uma contemplação primordial.

O que isso quer dizer? Quer dizer que a imensidão inaugurada pelo devaneio está ligada a uma espécie de expansão do ser que a vida e a prudência refreiam ou detém, mas que, inevitavelmente, retorna na solidão. É quando o homem pensa que está imóvel em algum lugar (e pode estar), é que passa a refletir sobre um mundo imenso. É o lugar conhecido e apropriado que concede a reflexão de uma imensidão.

Sendo a morada uma concentração da intimidade, a imensidão apreendida pelo devaneio (que seria o movimento do homem imóvel) o faz encarar também o nada, isto é, faz o homem não se objetivar precipitadamente com aquilo que lhe é familiar. Isso não significa uma exclusão daquilo que ele obtém ou tem contato, e sim uma conscientização do que lhe é essencial. É desta forma que a linguagem se assenhora do homem permitindo-lhe ser como se é (HEIDEGGER, 2003). Por alcançar essa consciência vivida de si mesmo, pode o homem estar no mundo, ou melhor, pode habitar o seu mundo (HEIDEGGER, 1954).

Assim, **habitar** equivale a uma (re)união entre cada homem e simultaneamente com o mundo. Isso quer dizer que cada homem tem o seu mundo? Não se isso for entendido como uma necessidade de isolamento. O mundo só é assim entendido quando um nível de identificação é estabelecido entre o **eu-mesmo** com o **si-mesmo**, ou seja, consegue-se habitar quando aquilo que não seja o **eu** estabeleça uma referência ao **eu** (BACHELARD, 1978). O ato de habitar só não é contemplado quando o **si-mesmo**, os entes, já estão irremediavelmente desconectados do **eu**. Aqui, o **eu** é ninguém e o mundo um mero ponto no espaço.

O TEMPO, O ESPAÇO E A MORADA DO EU

Porém, fora deixado para trás a questão da verticalidade e da horizontalidade apreendida pelo homem nos caminhos do devaneio.

É correto afirmar que estas noções diretivas são apreendidas no movimento, no espaço, na utilização do corpo e na forma de dimensioná-los e entendê-los. Entretanto, teriam essas noções diretivas relações com o imóvel? Teriam essas noções a força de permanecerem e aparecerem no homem?

A casa para Gaston Bachelard é imaginada como um ser vertical. E é, ao considerar os seus alicerces. Isso significa que ela se eleva, se diferencia do nível da altura humana, fazendo apelos à nossa consciência no sentido de sua direção (DICHTCHEKENIAN, 2015). Ao mesmo tempo, a casa também é imaginada como um ser nos convidando à uma consciência de centralidade, de *Kosmos*. Segundo Bachelard (1978), todas as casas habitadas, vividas, revelam a sua presença, seu **ser no que é como é** para a intimidade humana em três níveis: o porão, o rés do chão e o sótão. Esses níveis também são entrevistados na casa do devaneio, onde a intimidade humana encontra correspondência (destino) em seu modo de ser.

Por exemplo, o telhado revela sua razão de ser quando cobre o homem da chuva e do sol. Com sua inclinação e cumeeira apontando para as nuvens, retém para si todos os pensamentos conectados à claridade, onde supõe o vigor das estruturas da casa. No porão, por não estar à mostra como o sótão, revela-se a sua utilidade enquanto pensamentos que remetem à escuridão, já que é o lugar mais perto do chão e cercado de terra – participando das **potências subterrâneas da casa**. É ali que são acolhidos as **irracionalidades das profundezas** (DICHTCHEKENIAN, 2015). E o que o homem tem a ver com tudo isso?

Já que a intimidade humana consegue se corresponder com as estruturas da casa, nada mais sensato que, a partir de sua própria imagem, fazer-se a correlação entre homem e sua morada. A intimidade porão, o obscuro, o encoberto, corresponde-se ao passado do homem. Faz referência à(s) sua(s) sustentação(ões) quando cercada

pelo subsolo. Aqui é até resguardada uma relação de ambiguidade. Na tarefa da sustentação, no árduo processo de estar na escuridão, não é permitido uma clareza do ser que ali é reservado. Contudo, por estar ali na reserva, guarda uma possibilidade de uma clareza de determinação de sentido (RYKWERT, 2009). São esses aspectos que formam a personalidade humana (onde há um devaneio sobre a firmeza da casa), aquelas mesmas que são impossíveis de decifrar, mas que fazem parte desta personalidade e que a sustenta, como é o caso da tradição.

No porão se encontra o ato da conformação, o ato de acolher nesta e desta forma uma possibilidade do homem ser ele mesmo. Por que uma possibilidade? Porque este homem pode reescrever, a partir do que recebe do porão (passado), a sua participação no mundo, pois não pode e não consegue encarar para sempre a mesma possibilidade de ser (DICHTCHEKENIAN, 2015). É tarefa (condição) deste próprio homem renovar seu modo de já estar no mundo e revelar uma outra perspectiva daquilo que herdou.

Já a intimidade sótão (futuro) é a possibilidade de ser a plena compreensão vivida pela intimidade. Aqui há um contraponto. Já que o sótão revela uma luminosidade contida (acolhida), está só é possível de existir a partir da escuridão do porão (BACHELARD, 1978). Isso significa que o homem precisa do sótão, pois este é a finalização (acabamento) da casa como intimidade, onde sua construção evidencia-se como algo sólido (alicerce), assim como o porão (mesmo estando submerso e não conseguindo demonstrar esta evidência). O sótão é a dimensão da casa que ultrapassa o **eu-mesmo** (sinalização da transcendência) e aponta para uma ultrapassagem em relação aos limites da casa, fazendo o homem alcançar outras moradas⁷.

Mas e o rés do chão? Até agora só foi possível constatar a relação da verticalidade entre as intimidades sótão e porão. Seria o rés do chão

⁷ Isto é, reconhece as múltiplas existências que o circunda.

a compreensão da medianidade? Sim. Nesta relação da verticalidade, acentua-se o rés do chão como um lugar cercado (centrado, o ponto médio) entre a sombra e a luz, entre o céu e a terra o que, para os gregos, significava a proporção, a justa medida, as relações entre os opostos, postando-se a possibilidade da relação com o outro (RYKWERT, 2009; TORRANO, 2003). Sua horizontalidade significa a reflexão humana enquanto presença neste mundo (DICHTCHEKENIAN, 2015).

A presença do mundo também é realçada em sua centralidade nas trocas das estações (NORBERG-SCHULZ, 1981). Em face às hostilidades das tempestades, dos ventos fortes ou do sol escaldante, os valores de proteção e resistência da casa são transformados em valores humanos. Assim, a casa, além de remodelar o homem por possibilitar seus devaneios, faz isso enquanto corporifica as energias físicas e morais deste homem, como demonstrado nesta passagem de Gaston Bachelard (1978, p. 49).

Ela [casa] se curva sob a chuvarada, mas se torna inflexível. Sob as rajadas, ela se encolhe quando é preciso encolher, segura de se estirar de novo e de negar sempre as derrotas passageiras. Tal casa chama o homem a um heroísmo do cosmos. É um instrumento que serve para enfrentar o cosmos. As metafísicas "do homem jogado no mundo" poderiam meditar concretamente sobre a casa atirada no temporal, encarando a cólera do céu. Contra tudo, a casa nos ajuda a dizer: serei um habitante do mundo, apesar do mundo. O problema não é somente um problema do ser, é também um problema de energia e conseqüentemente de contra-energia. Nessa comunhão dinâmica do homem e da casa, nessa rivalidade da casa e do universo, estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico.

Além disso, a própria chuva, a neblina e a neve⁸ trazem um reforço do **espaço de dentro**, fazem um reforço da felicidade de habitar uma

8 Como no poema de Georg Trakl citado por Heidegger (1954): "Uma noite de inverno".

casa. Apagada as referências visíveis que se encontram no espaço de fora como a rua, as árvores ou outras casas, o valor da habitação aumenta conforme **some** o mundo exterior (NORBERG-SCHULZ, 1981). A casa, nesta situação, faz com que seja (re)organizado a universalidade dos sentidos em uma única totalidade, imediatamente reconstruindo o *Kosmos* perdido pelo *Chaos* provindo das inclemências meteorológicas. Mais do que isso, a própria noite, em contraste com o dia, potencializa e intensifica a solidão do **eu**, fazendo com que este percorra um caminho⁹ lá fora, sem sair do lado de dentro, em busca da imensidão do que se pode dizer¹⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que fora perpassado com este texto nada mais seria que a impossibilidade de estipular a fundamentação da morada. O estado de letargia, firme nas correntes teóricas sobre este **instante da arquitetura** (a casa), inexistente na ação humana em que nem mesmo a *arché* (o elemento que deveria estar presente em todos os momentos da existência de todas as coisas do mundo) se encontra definida. Parece que a fundação da casa persiste em um movimento tão constante em que ela mesma figura em existir tal qual como **não-é**, isto é, sob as leis das diversas situacionalidades em que remetem, primeiramente, como ela se-dá no âmbito da existência.

Talvez, o que exista de fato seja uma circunstancialidade de sua *eks-sistência*, onde um simples tijolo ou viga de madeira se tornem uma ideia não pelo *eîdos*¹¹, mas em uma gama refratária onde a carne toca

9 Linguagem.

10 Identidade.

11 Relacionado a teoria das formas, onde um corpo de conceitos filosóficos (criado por Platão) declara que a realidade mais fundamental é composta de ideias ou formas abstratas, mas substanciais.

o seu mundo revelado em uma imagem que transpassa a sua fundação e cumeeira (*eídon*)¹², **ofertando ao homem o outro**, isto é, um ser-em-si que é também um ser-para-com-os-outros (*imago mundi*) (RYKWERT, 2009).

Paratafeito, ritos e lendas fazem parte deste cabedal da memória do hábito, a qual esta memória não seria um conjunto de comportamentos rotineiros, mas um campo de possibilidades da existência da matéria. A sua persistência plasmada no tempo e no lugar só faz sentido quando revelada pela dinâmica insistente destes ritos (o hábito), pois, sem essas propriedades, estes inviabilizar-se-iam na ação humana e deixariam de se tornar uma (possibilidade de) instauração de alguma **coisa** (HEIDEGGER, 1984). Assim, **o hábito**, para o instante, seria muito mais voltado a uma assimilação rotineira da novidade e não de uma simples repetição (BACHELARD, 2007).

E o que tudo isto tem a ver com o **habitar**? A descoberta de que todo ser humano é **nostálgico à unidade**, que exige por seus próprios esforços (conforme a sua condição) uma razão para a sua vida, ansiando compartilhar nos extremos de seus limites todo este arcabouço problemático com outras existências e, para isso, edificando e cultivando alguns símbolos que apelam a este desvelamento.

E o que poderia traduzir este compartilhamento? O que poderia revelar esta perduração simbólica para outros seres que, porventura, poderiam lhe auxiliar ou compreender? Nada melhor do que a arquitetura. O que poderia estimular mais a compreensão humana do que uma casa ou um templo edificado os quais retraem para si uma exigência de coesão?

¹²Um *eídon* é uma imagem espiritual de uma pessoa viva ou morta. Neste caso está sendo usada no sentido de designar uma possibilidade extremamente concreta da existência de um outro além do **eu** (RYKWERT, 2009).

Já que toda construção arquitetônica é responsável por instaurar temporalidades entre corpos e coisas, ela não descreveria meramente o ser do ente ali presenciado, mas revelaria um acontecimento que fora um dia apropriado e levado à compreensão. Resplandeceria uma compreensão da temporalidade humana. Isto seria o ser-arquitetura-da-arquitetura. Este, enquanto re-presentado, permite ao homem se encontrar no lugar e no tempo. O ser-arquitetura-da-arquitetura seria a condução a uma afinação de comportamento que instaura um comprometimento (*Ereignis*). Seria ele a materialização de todo problema relacionado à vida e ao pensamento humano, o qual seria a da transcendência e a da intencionalidade como princípio fundamentador.

Fazer o homem transcender é estipular uma relação de algo para algo, é o desvelamento de uma intenção entre aquilo que se fala (linguagem) e do que se quer alcançar (coisas). Já que esta intenção é a revelação de que a consciência é um ato do olhar, esta seria a constituição fundamental do homem: um ser-aí enquanto princípio fundamental, uma construção antes de qualquer essencialização. A transcendência humana, neste ponto, é **digna de mundo e somente do mundo**, isto é, de uma reunião surgida entre homens e coisas. Por isso, a linguagem e as coisas (que por si já falam) são a demonstração mais fiel da contínua construção humana, quebrando as barreiras da vida simplesmente dada ao crivo do destino usual ou da tirania da intimidade contemporânea (SENNETT, 1998). ○

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Compreensão e política e outros ensaios**: 1930-1954. Lisboa: Relógio D'Água, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Campinas: Verus, 2007.

Entre céu e terra: a medianidade do lar no hábito humano
Vitor Sartori Cordova e Jane Victal

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 181-354.

BARBUY, Heraldo. **O problema do ser e outros ensaios**. São Paulo: EdUSP, 1984.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. Brasília: EdUnB, 1981.

DICHTCHEKENIAN, Nichan. **A poética como revelação do habitar em Heidegger e a poética como constituição-mundo em Bachelard**. 2015. 7 vídeos (90:05 min.). Publicado pelo canal nichandichtchekenian. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5nkwsb7J_WQ. Acesso em: 10 jan. 2019.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

HEIDEGGER, Martin. A coisa. In: SOUZA, Eudoro. **Mitologia**. Lisboa: Guimarães Editores, 1984. p. 249-271.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Lisboa: Edições 70, 1977.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. **Revista Latino-Americana de Filosofia e História da Ciência**. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, jul-set. 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Cartas sobre o humanismo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. Conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: paysage, ambience, architecture**. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1981.

RYKWERT, Joseph. **A casa de Adão no paraíso**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SARAMAGO, Lúcia. Como ponta de lança: o pensamento do lugar em Heidegger. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (Org.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 193-225.

SARTRE, Jean-Paul. **Osereonada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TORRANO, José Antônio Alves. **Hesíodo**. Teogonia: a origem dos deuses. São Paulo: Iluminuras, 2003.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

Submetido em Maio de 2019.
Revisado em Novembro de 2019.
Aceito em Novembro de 2019.